

PIRIGUETES: UMA RELAÇÃO ENTRE MODA E SEXUALIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Hoochies: the relation between fashion and sexuality in contemporary society

Ferrari, Fernanda B.; Mestra; Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora,
bonizolferrari@hotmail.com¹

Silva, Elisabeth Murilho, Doutora; Universidade Federal de Juiz de Fora,
murilho@gmail.com²

Resumo O presente trabalho tem por objetivo analisar a relação estabelecida entre moda e sexualidade a partir de um grupo feminino popularmente conhecido como piriguetes. Nossa proposta é investigar de que maneira esse estilo de vestir feminino assumiu tal relevo ultrapassando a materialidade da roupa e se tornando um indicativo comportamental feminino.

Palavras chave: Moda; gênero; sexualidade.

Abstract This study aims at analyzing the relationship between fashion and sexuality taking as a reference a well-known group of girls called hoochies/bimbo girls. The research proposal is to investigate the way feminine clothing style has gained such importance going beyond its material dimension and becoming itself an indication of female behavior.

Keywords: Fashion; gender; sexuality.

Introdução

O presente trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado e tem por objetivo discutir a relação estabelecida entre moda e sexualidade feminina na sociedade contemporânea a partir do comportamento de um grupo popularmente conhecido como piriguetes. Nossa proposta é investigar as razões pelas quais esse grupo feminino, julgado inicialmente pela visualidade de seu

¹ Professor adjunto da Universidade Federal de Juiz de Fora. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: juventude, sociabilidade, lazer, moda e cultura urbana.

² Professora do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Tem experiência na área de Design de Moda, atuando principalmente os seguintes temas: gênero, sociabilidade e cultura urbana.

vestuário, se tornou tão popular e de que maneira esta estética influencia questões de cunho comportamental, tanto no âmbito da individualidade quanto social.

A pesquisa se deu em duas fases. Em um primeiro momento foi realizada uma pesquisa teórica a fim de analisar a questão da vulgaridade em oposição ao conceito de elegância. Ao historicizar essa dicotomia, buscamos demonstrar o quanto esses dois conceitos, como vistos hoje no atual cenário da moda e do comportamento feminino, ainda é uma ordem compulsória que exige uma coerência total entre ser e parecer ser. A partir desse estudo, mostrou-se necessário uma aproximação real com este campo de análise. Assim, foi desenvolvida uma pesquisa de campo que envolveu três grupos distintos de mulheres em momentos e situações também distintas.

Dessa forma, foram aplicadas diferentes metodologias: trabalhamos inicialmente realizando o levantamento bibliográfico a respeito do tema. Quanto aos referenciais teóricos, ao longo da pesquisa nos deparamos com uma dificuldade em encontrar trabalhos que tratassem do tema, uma vez que “piriguete” seja como termo, seja como tema, não é ainda objeto de muitas pesquisas acadêmicas. Assim, tomamos escritos e argumentações que buscam compreender como a vestimenta se relaciona com as questões da sexualidade. Diana Crane, Anthony Giddens e Judith Butler são alguns dos autores que serviram de base para nortear a pesquisa. Em relação à pesquisa de campo, o que delimitou os grupos a serem abordados foram identificadores distintos: tanto as características de vestuário, ou seja, aquilo que havia sido apontado por sites e revistas de moda como “roupa de piriguete” como a mulher apontada como piriguete seriam investigadas.

Sexy sem ser vulgar!

A história da moda e a história social da mulher tem muito em comum. Cercada de regras e padrões, a moda feminina e suas “tendências” estão diretamente relacionadas a questões de libertação e relações de sociabilidade, tal qual a história social das mulheres. E se a relação entre moda e mulher é assim tão estreita, na relação que se forma entre moda e sexualidade feminina,

elas se misturam. Em sociedade, a postura sexual da mulher foi e ainda é medida por suas escolhas de vestuário. Essa leitura da mulher via moda serve para demonstrar os limites que a sociedade, por meio dela, impõe à sexualidade feminina. A moda indica o que é permitido ser visto, o que merece ser insinuado e, sobretudo, o que deve ser resguardado. Já em 1911, Simmel (2008) escreve sobre domínios e efeitos que a moda exerce sobre as mulheres. Segundo o autor, o fato de expressar e estimular, ao mesmo tempo, igualdade e individualidade; imitação e distinção, a moda provocaria nas mulheres uma relação de dependência, uma chancela sobre suas escolhas.

Mais de um século depois, o que é certo e o que é errado no vestir contemporâneo feminino já não atende mais a um único padrão, mas aquilo que “convém”, que os “costumes” identificam como socialmente adequado no vestir feminino ainda dita boa parte das normas da moda atual. É nesse contexto que a vulgaridade se insere como estilo de vestir e que, por diversas razões, se configura como o grande perigo da moda que deve, a todo custo, ser evitado, e, em se tratando de vulgaridade feminina, a piriguete se destaca como uma de suas maiores representantes.

Segundo o jornalista Xico Sá, em uma coluna escrita para o jornal Folha de São Paulo³, o termo piriguete teria surgido no carnaval de Salvador por volta da virada deste século e se consolidado nas letras de ritmos musicais como funk e arrocha. Para o jornalista, em uma análise etimológica do termo, “piri” diz respeito a perigo, a meter medo na concorrência feminina com um estilo de vestir que, segundo ele, tem algo de “safado e livre”. Um perigo às relações sólidas estabelecidas em oposição às relações sem garantias e que “perturbam o juízo”. Na moda é uma afronta à elegância e aos padrões do bom gosto: a vulgaridade de um corpo à mostra em calças apertadas, mini blusas, barrigas de fora e seios em evidência.

Atualmente, grande parte das informações sobre moda e tendências é proveniente da internet. As publicações sobre moda determinam o que é considerado apropriado ou inapropriado no vestir feminino, mas sempre a partir de critérios de gostos externos. Segundo o que se pode deduzir, a partir dessas

³ Disponível em <<http://xicosa.blogfolha.uol.com.br/2012/07/16/discutindo-a-origem-das-piriguetes-e-o-sexo-dos-anjos/>> Acesso em 17 mai. 2016.

publicações se é curto “demais”, justo “demais”, decotado “demais” ou transparente “demais”, é vulgar. A coexistência também não é permitida. Se é curto, deve ser largo; se é justo, deve ser sem decotes, se a transparência revela uma parte do corpo, o restante deve ser coberto.

Toda mulher deseja ser sensual e arrancar olhares e suspiros por onde anda. Mas, nenhuma quer ser vulgar, já que é péssimo para a imagem pessoal e profissional de qualquer pessoa. Quem acredita que a linha entre as duas é muito tênue e que é impossível ser sensual sem “mostrar” demais está errado. A personal stylist Bia Kawasaki dá 10 dicas infalíveis para as mulheres que querem fugir do cafona e vulgar e investir em peças elegantes que exalam sensualidade. Veja a seguir! [...] Ao combinar duas peças, uma deve ser mais solta e a outra justa. A consultora afirma que essa regra é de extrema importância: ‘a técnica do justo com o solto é essencial. Se você usar uma saia mais justa, opte por uma batinha ou uma blusa mais larga. Se tudo for justo, fica cafona.’⁴

A sensualidade, no entanto, é apontada como um atributo feminino, um desejo que é tratado nos textos das matérias como algo “natural” de toda mulher. Não se trata de abdicar dessa característica, ser sexy é algo valorizado e deve ser cultivado. O cerne da questão está na medida, um limite claro que deve ser observado com total atenção para que a atitude feminina não seja mal interpretada. Também a aversão à vulgaridade é preponderante em questões de moda feminina, uma vez que essa parece depor não apenas contra o bom gosto para escolhas do vestuário, mas também contra “a imagem pessoal e profissional” feminina.

Entretanto, as atitudes também são apontadas como fundamentais na análise da vulgaridade. Deixar à mostra o corpo é exibir-se e, conseqüentemente, oferecer-se. Em uma sociedade ainda com resquícios de uma cultura patriarcal, a mulher vulgar é a que está à “disposição”, aquela que é “fácil”. A vulgaridade, mesmo não sendo um atributo exclusivo da vestimenta, acaba abarcando também o comportamento humano. Essa associação entre modos de vestir e modos de agir é determinante nos estilos de moda e vai designar aquilo que se considera um estilo vulgar.

⁴ Reportagem publicada na Revista Caras. Disponível em <http://caras.uol.com.br/fashion/aprenda10dicasparaserensualsemservulgar#.VdxYg_1Vikp> Acesso em: 20 Ag. 2015.

A vulgaridade há muito já frequenta os ditames da “boa e elegante moda” como característica a ser evitada e, por muitas vezes, aparecer também relacionada a uma forma de comportamento encontra lugar nos manuais de boas maneiras. Poucas vezes, no entanto, aparece relacionada a condutas masculinas. A vulgaridade parece se construir como uma característica muito mais relacionada à mulher que ao homem. Angela McRobbie (2004) aborda a questão quando analisa a participação de mulheres em um programa da TV Inglesa BBC, “*What Not To Wear*” que trata de avaliar e adequar a vestimenta do participante aos bons modos do vestir. O programa, que tem sua versão brasileira sob o nome “*Esquadrão da Moda*”, também foi analisado em um artigo de autoria de Lígia Lana, Laura Corrêa e Maitê Rosa (2012) e, em ambas as análises a atuação da mulher é preponderante à participação masculina. McRobbie (2004) alega que este gênero de programação televisiva vem sendo, em sua maior parte, direcionada ao público feminino. Além disso, a participação masculina no programa, quando presente, atua mais como expectadores ou peritos no vestir. São raras as participações masculinas. Em sua versão brasileira acontece o mesmo:

As candidatas à transformação do visual – argumento em torno do qual a narrativa do programa se estrutura – são mulheres; dentre as 108 edições citadas no site do *Esquadrão da Moda*, apenas em uma o candidato é um homem. Isabella Fiorentino e Arlindo Grund, especialistas-apresentadores de *Esquadrão da Moda*, ensinam para “mulheres consideradas sem estilo ou que simplesmente se vestem de forma inadequada (...) como se vestir bem e com estilo”. As “vítimas” do programa devem se tornar adequadas aos mais diferentes parâmetros – as regras de se vestir bem são associadas às normas da beleza, do comportamento e da autoestima. *Esquadrão da Moda*, quando não convida homens para a transformação do visual, dialoga com o ponto de vista de Angela McRobbie. [...] A exclusividade da participação feminina ocorre de maneira silenciosa, como se fosse natural que mulheres necessitem mais de orientação para a adequação às normas sociais. (CORRÊA, LANA, & ROSA, 2012, p. 123) (CORRÊA, LANA, & ROSA, 2012)

Formatted: Font: (Default) Arial, 10 pt, Do not check spelling or grammar

Neste sentido, a moda feminina opera como fator determinante de diferenciação entre grupos. A elegância comportaria a moda que partiria das classes dominantes, representando aquilo tido como “se vestir bem, de forma adequada e com estilo”. Já a vulgaridade representaria a moda que partiria das classes inferiores e marginalizadas, somado também a uma inadequação no

vestir que está diretamente relacionada a um ideal de virtude feminina. A vulgaridade seria essa falha, essa aproximação para a falta de virtude, se associando tanto a uma questão de classe, como de lugar da mulher.

A moda feminina ainda enfrenta seus conflitos e o fato é que uma mesma atitude e uma mesma moda podem ter interpretações completamente distintas, dependendo do contexto e da cultura. Além das diferenciações, a moda pode ser opositiva. Juventude e maturidade, masculinidade e feminilidade, androgenia e singularidade, trabalho e diversão, conformismo e rebeldia. Quanto às caracterizações femininas, a moda também serve à ambivalência: elegante ou vulgar. Em termos de binarismo temos, na maior parte das vezes, um desequilíbrio, uma hierarquização onde um dos termos é imediatamente privilegiado. O que vai definir essa hierarquia é justamente a forma que cada cultura encontra para definir as formas de classificar e, conseqüentemente valorar o mundo. Essa valoração acaba por construir estereótipos que definem estilos de mulher a afetam bem mais que apenas suas escolhas de vestuário.

Cada cultura tem suas próprias e definitivas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados. Há, entre os membros de uma sociedade, um certo grau de consenso sobre como classificar as coisas a fim de manter alguma ordem social. (WOODWARD, 2014, p. 42)

Essa ritualização da cultura é determinante na construção dos significados que atribuímos aos objetos e a forma como nos relacionamos socialmente com eles. O que aqui entendemos como uma roupa vulgar está diretamente ligado àquilo que entendemos como vulgar em nossa cultura. São esses significados que irão construir os sistemas classificatórios que vão influenciar diretamente na forma como vamos nos relacionar socialmente com eles.

O mesmo diz respeito à exibição do corpo. Tabu quebrado ainda na década de 1920, exibição do corpo ainda incomoda grande parte das mulheres. Seja ou não uma questão de autoestima, o recato ainda tem seu lugar e confina muitos corpos. A elegância se apresenta como um catecismo para igualar o vestir feminino, normatizá-lo de acordo com os padrões da boa moda, uma forma de salvação para transformar defeitos em qualidade. Disfarçadamente, a

promulgação dessa “igualdade” constrói desigualdades que naturalizam a marginalização de qualquer variante deste estilo de moda.

O que está realmente em exibição não é um corpo, mas uma construção social daquilo que se tem como corpo. Davi Le Breton (2011) define o corpo como uma construção social que tem suas ações condicionadas a uma cena coletiva, uma falsa evidência feita de elaborações sociais e culturais. Logo, as atribuições de valores morais dadas a exibição do corpo seria, portanto, subjetivas e dependentes de quem o observa, e não quem o exhibe.

As qualidades morais e físicas atribuídas ao homem ou à mulher não são inerentes à atributos corporais, mas são inerentes à significação social que lhes damos e às normas de comportamento implicadas. [...] O corpo metaforiza o social e o social metaforiza o corpo. No interior do corpo são as possibilidades sociais e culturais que se desenvolvem. (LE BRETON, 2011, pp. 68-70)

Essa caracterização tão eficiente que a moda criou para designar as piriguetes é fundamentalmente cultural. Ser considerada piriguite hoje depende e opera dentro de características que são inerentes há esse tempo. Compreender que a constituição dessas identidades é algo que se dá no interior de um discurso e não fora dele, é fundamental para entender a necessidade de relativização e validade dessas identidades que estão condicionadas a um contexto cultural que é temporal e, sobretudo, socialmente construído, logo, instáveis e mutáveis. Nesse sentido, ser considerada piriguite não é uma condição fixa, estável, permanente, mas volátil, um arquétipo feminino momentâneo que pode, a qualquer momento, ser reformulado, reinventado.

Piriguetes: a mulher por trás dos estereótipos

Até aqui o que se tinha a respeito de piriguetes eram idealizações, escritos, músicas, opiniões de muitos sobre o assunto. O termo e sua caracterização já haviam sido desvendados, mas essa mulher ainda precisava ser encontrada a fim de verificar se ela representa ou não esse perigo tão iminente. O primeiro desafio foi determinar o que é ser uma piriguite. Conversas, discussões, seminários e grupos de trabalho foram base para encontrar um

caminho que levasse a essa mulher e minhas observações partiam de um ponto básico: a moda. Com seus vestidos curtos e justos, as piriguetes são imediatamente categorizadas como mulheres vulgares e o que se esperava da vestimenta da piriguite não rendia controvérsias: ser piriguite é “vestir quase nada”, é “nunca sentir frio”, é se vestir como “puta”. Essa, em particular, apareceu como uma opinião bastante recorrente. Por muitas vezes, ao falar sobre o tema de minha pesquisa em aulas e seminários, colegas e professores me indicavam assuntos e textos sobre prostituição. Logo, apenas moda como ponto de partida se tornou insuficiente.

Determinar o que é ser piriguite se mostrou um grande impasse. Como os traços mais marcantes das piriguetes pareciam dizer muito mais sobre atitudes do que sobre moda, a determinação dos atores sociais da minha pesquisa parecia uma grande armadilha, com escolhas que poderiam ser tendenciosas e até artificiais. O que me garantia que as minhas idealizações a respeito de piriguetes não influenciariam na escolha das entrevistadas? Foi assim que determinamos a abordagem a partir de três grupos distintos, com abordagens, metodologias e participantes bastante distintas.

As primeiras participantes da pesquisa foram conhecidas durante uma viagem. Fui convidada para passar alguns dias na cidade do Rio de Janeiro como convidada de uma conhecida boate. Uma amiga de longa data conhecia um rapaz trabalhava lá como *promoter* e levava “mulheres bonitas para enfeitar o lugar”. Segundo ela, seria algo em torno de 15 meninas, todas de Juiz de Fora. Sairíamos na sexta-feira à noite e retornaríamos no domingo, com transporte, alimentação e hospedagem pagos pela boate. Perguntei qual era o critério de escolha dessas meninas e ela me disse que eles gostavam muito das mineiras e que a única coisa que tínhamos que fazer era nos divertir. Foi então que perguntei: é uma excursão de piriguetes? E ela me respondeu: “é claro que é uma excursão de piriguetes”.

Foi assim que o primeiro grupo foi delimitado. Um grupo com o qual eu não tinha nenhum contato me foi apontado como um grupo de mulheres piriguetes. Nenhum conceito prévio de minha parte havia incidido na escolha. Nesse grupo, o que me foi apontado como característica de uma piriguite era um comportamento, e não apenas uma vestimenta.

Durante a viagem, pude perceber que, no que tange a moda, de fato, cada uma delas presou pela sensualidade. Nenhuma delas usou roupas recatadas, próximas do que a moda costuma definir como elegantes. Pelo contrário. De acordo com os manuais de moda seriam sim todas elas vulgares quanto ao seu modo de vestir. No entanto, nenhuma era a completa personificação da piriguete. O típico vestido muito justo e curto, popularmente conhecido como “vestido à vácuo” tido como o uniforme da piriguete, foi a escolha de poucas. Aquele padrão conhecido passou longe de uma unanimidade. Já quanto ao comportamento piriguete, a experiência mostrou que o agir feminino capaz de comprometer sua imagem a ponto de ser taxada como piriguete estava diretamente relacionada à liberdade sexual. Durante a viagem, percebi que um novo campo de liberdade se abriu para a mulher, ao menos no sentido das relações sem vínculos ou comprometimento, como objetivo apenas de prazer. Ser piriguete ali, durante aqueles dias, estava diretamente relacionado a um divertimento sem amarras e julgamentos, mesmo que por apenas alguns dias.

O segundo grupo abordado teve como elemento identificador a vestimenta. Por alguns meses duas mulheres que se identificaram como piriguetes na maneira de vestir foram acompanhadas e entrevistadas. Para essas participantes, ser piriguete era algo relacionado a uma aparência e isso não estaria necessariamente ligado a uma vertente comportamental. Nesse grupo, as roupas por elas utilizadas eram as típicas de uma piriguete: shorts e saias sempre bastante curtas, decotes e roupas bastante apertadas. Ambas as entrevistadas prezavam pela total liberdade de exibição do corpo e suas escolhas de moda estavam diretamente ligadas a essa característica. No que diz respeito a seu comportamento, essa liberdade apresentava limites mais rígidos. Uma delas me disse que se ser piriguete estivesse relacionado a um estilo de se vestir ela não veria problemas em se considerar uma, mas se a relação fosse com o comportamento de uma piriguete, não, ela não seria uma. Perguntei então o que seria, para ela, uma piriguete: “é uma mulher que tem a autoestima lá em cima, e acha que pode pegar Deus e o mundo”. Logo a relação com a sexualidade se estabeleceu. Elas não viam problema em relacionamentos casuais, mas se esses se dessem, deveriam ser discretos. Vestir-se como uma

piriguete era algo no qual elas não viam problema, mas agir como uma, apenas de forma escondida.

Já o terceiro grupo foi abordado já com a pesquisa de campo iniciada e surgiu da necessidade de entender as piriguetes a partir de uma visão externa. As participantes desse grupo tinham na figura da piriguete a mulher vulgar, tanto no vestir como no agir. Para elas, ser apontada como uma piriguete era uma característica bastante desonrosa e que deveria, a todo custo, ser evitada e suas escolhas de vestimenta levavam em conta essa característica. Elas se vestiam de forma bastante discreta e, segundo elas, a escolha de uma vestimenta com o claro objetivo de chamar atenção para o seu corpo era a atitude típica da piriguete. O corpo de uma mulher não poderia ser usado como um objeto e, ao usá-lo para chamar a atenção, era isso o que ele se tornava. Assim, nas roupas curtas e justas das piriguetes, a vulgaridade estaria tanto na roupa como na atitude em usá-la. Quanto a questão comportamental, a predisposição para relacionamentos casuais e livres de compromisso não era algo visto como positivo, muito menos uma relação direta com atitudes femininas libertárias. Segundo elas, esse comportamento não era típico das mulheres, e sim um comportamento inerente às características do sexo masculino que não traziam benefícios às mulheres.

Considerações Finais

Entre as muitas definições dadas à piriguete, a mais corriqueira é aquela que passa pela vulgaridade, um conjunto de características estéticas e comportamentais que estão intimamente ligadas a questões de liberdade e contenção da sexualidade. Em se tratando de moda, a vulgaridade está na exibição excessiva do corpo. Já em termos comportamentais, trata-se de um oferecimento desse corpo ao prazer sexual. Em uma sociedade ainda marcada pela cultura patriarcal, tanto uma como outra devem ser evitadas.

Abordar a moda pelo viés da sexualidade está diretamente relacionado aos modos de ser feminino percebidos no século XXI. Um modo de ser que diz muito a respeito das formas de sociabilidade estabelecidas hoje pelas mulheres

tanto em sociedade quanto aquelas que estabelecem com seus parceiros, e como essas novas possibilidades de relação são percebidas e avaliadas pela sociedade. A análise da questão da identidade feminina a partir dos estereótipos femininos que a moda cria, e a piriguete é tomada como um exemplo dessa vinculação feita entre moda e comportamento, aponta para um processo de dominação e controle com reflexos nas relações de poder que são estabelecidas entre gêneros. Assim, as piriguetes representariam uma afronta às relações de poder já estabelecidas entre homens e mulheres que limitam diferentes espaços de atuação para cada um dos sexos.

O que se nota é que não cabe a essa geração de piriguetes buscar pela liberdade, essa já foi conquistada, mediante muita luta, por uma geração anterior. O grande desafio agora diz respeito a como lidar com essa liberdade diante de uma sociedade que atende aos ecos do passado, com pensamentos pautados pelas diferenças de gêneros e espaços diferentes de atuação para cada um deles. Ser mulher impõe papéis distintos daqueles que são desempenhados pelos homens e a atuação fora desses limites, apesar de permitida, ainda não é vista como natural e julgada de acordo com tais papéis. À mulher é sim dada liberdade sexual, mas desde essa liberdade seja medida ou, ao menos escondida.

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CALANCA, Daniela. **História Social da Moda**. 2. ed. Tradução: Renato Ambrósio. São Paulo: Senac São Paulo, 2008.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social**. Classe, gênero e identidade nas roupas. 2. ed. Tradução: Cristiana Coimbra. São Paulo: Senac São Paulo, 2006.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

HOLLANDER, Anne. **O sexo das roupas**: a evolução do traje moderno. Tradução: Alexandre Tort. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

12º Colóquio de Moda – 9ª Edição Internacional
3º Congresso de Iniciação Científica em Design de Moda
2016

LANA, Lígia Campos de Cerqueira; CORRÊA, Laura Guimarães; ROSA, Maitê Gurgel. A cartilha da mulher adequada: ser piriguete e ser feminina no Esquadrão da Moda. **Contracampo**, Niterói, n. 24, p. 120-139, jul. 2012. Disponível em <file:///C:/Users/Dell/Downloads/176-748-4-PB%20(1).pdf> Acesso em: 16 abr. 2016.

LE BRETON, Davi. **A sociologia do corpo**. 5. ed. Tradução: Sônia M.S. Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2011.

MCROBBIE, Angela. Notes on “What Not To Wear” and post-feminist symbolic violence. **The Sociological Review**, London, v. 52, Issue Supplement s2, p. 97–109, Oct. 2004. Disponível em <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-954X.2005.00526.x/abstract>> Acesso em: 16 abr. 2106.

MENDES, Valerie; DE LA HAYE, Amy. **A moda do século XX**. 2. ed. Tradução: Luis Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 469-543.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Sempre Bela. In: PINSKY, Carla Bessanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 105-125.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102.

SIMMEL, George. A moda. **Iara** – Revista de Moda, Cultura e Arte, São Paulo, v. 1, n.1, p. 163-188, abr/ago. 2008. Disponível em: <http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2015/01/07_IARA_Simmel_versao-final.pdf> Acesso em: 16 abr. 2016.

SOUZA, Gilda de Mello e. **O espírito das roupas: a moda no século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

WILSON, Elizabeth. **Enfeitada de sonhos**. Moda e Modernidade. Lisboa: Edições 70, 1985.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.